

Cabeças entram no eixo da história

Artistas brasileiros recuperam em livro o cotidiano de um dos movimentos culturais mais ricos da cidade

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Custou, mas saiu. Finalmente, a *Galeria Cabeças* transforma sua história em livro. No próximo dia 11, a Livraria Presença será palco de lançamento deste documento, resultado do esforço de artistas brasileiros, liderado por Néio Lúcio. Em 98 páginas, fartamente ilustradas, Néio narra, com apoio de texto de Kido Guerra, a história cotidiana do Centro Brasileiro de Arte e Cultura, conhecido por todos pelo substantivo *Cabeças*.

O livro dormiu nos desejos de Néio Lúcio durante anos. Ele temia que, sem registro, esta importante experiência cultural caísse no esquecimento. Quando, em dezembro de 88, o movimento festejou 10 anos de existência, Néio convocou amigos e artífices do *Cabeças* para escrever sua história. Prontos os textos e selecionadas as fotos e reproduções de cartazes, a hora era de ir para as rotativas. Havia, porém, que se encontrar patrocinador. Foi aí que o BRB entrou na história. Bancou o livro, que agora torna-se realidade palpável. Só que ao invés de 10 anos, o movimento se prepara para comemorar, na véspera do Natal, seu 12º aniversário.

Para se ter idéia da importância da *Galeria Cabeças*, seu nome inicial (hoje, Centro Brasileiro de Arte e Cultura), é preciso registrar que ela nasceu dos esforços de um grupo de artistas brasileiros (Néio Lúcio, Eurico Rocha, Guilherme Reis, a família Ernest Dias, Wagner Hermuche, entre outros) preocupado em dinamizar uma cidade nova, feita em espaços amplos, mas subutilizados.

Movimento nativista — O ensaísta Gilberto Vasconcelos, de passagem por Brasília, em 1981, definiria os movimentos culturais da cidade, que espocaram com entusiasmo, no final dos anos 70, como "manifestações nativistas". Nascia na capital do país, sentimento de amor pela cidade. Brasília deixava de ser terra-de-ninguém e passava a ser cultivada por seus habitantes. Em especial por jovens que chegavam à maturidade orgulhosos de serem candangos.

O que deveria fazer esta geração nativista para demonstrar seu amor pela cidade? Festejá-la nos gramados das superquadras parecia ser a resposta.

Por isto, o movimento que nasceu originalmente como uma galeria de arte, acabou abandonando as quatro paredes que o abrigavam e conquistando as ruas. No dia 24 de dezembro de 1978, aconteceu o primeiro Concerto Cabeças ao Ar Livre. O que se viu daí em diante foi uma história de amor, com poucos momentos infelizes.

Participar dos Concertos Cabeças tornou-se fundamental a quem era — ou queria ser — artista. Ainda hoje, o mega-star do rock brasileiro, Renato Russo, lamenta não ter sido convidado por Néio Lúcio para apresentações em seus concertos. Dizia-se, na época, que Néio privilegiava a música erudita (tão bem representada por Odete, Beth e Jaime Ernest Dias e por Tony Botelho), o rock *soft* do Mel da Terra (que nasceu nos Concertos Cabeças) e o



Um dos concertos cabeças numa entrequadra de Brasília: a arte revitalizava os espaços desocupados da capital do país

som balançado e afro de Renato Mattos.

Pode ser. Ninguém, porém, há de negar que a programação do *Cabeças* foi a mais eclética possível. Por seus palcos (nos gramados das quadras, na Rampa Acústica do Parque da Cidade, no Teatro de Arena da UnB) passaram centenas de artistas e poetas. E em suas platéias, milhares de brasileiros. Muitos adiavam viagens para não perder uma nova edição.

História e depoimentos

— O livro, organizado por Néio Lúcio e Kido Guerra, compõe-se com relato informal do primeiro, somado a depoimentos de pessoas que fizeram ou testemunharam a experiência do Movimento. Luís Humberto, ex-diretor da Fundação Cultural; Haroldinho Mattos, do Mel da Terra; Odete Ernest Dias, flautista de formação erudita que nunca se encabulou de tocar nos gramados; Luis Martins, um dos poetas do Movimento; Nicolas Behr, espécie de símbolo da Brasília dos anos 80; Re-

nato Mattos, que cantou em samba e reggae as ruas e satélites candangas; Geraldinho Vieira, jornalista, hoje editor do *Caderno 2*; Luis Turiba, outro poeta que carregou a bandeira do Movimento; Guilherme Reis, que aprofundou a experiência teatral da galeria Cabeças; Tetê Catalão, poeta e agitador cultural capaz de compreender a função de movimentos nascidos do seio das comunidades; João Luís Homem de Carvalho, presidente regional da SBPC (Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência) e Cristovam Buarque, ex-reitor da UnB.

Aos depoimentos, somam-se três aberturas: uma curtíssima, de Lúcio Costa; uma formal, de César Baiocchi, espécie de mecenas do Movimento, e de Maria Christina Diniz Leal, professora da UnB e ex-chefe de gabinete da FCDF (na gestão de Rui Pereira da Silva).

O urbanista Lúcio Costa se alegra em saber que seu traçado ganhou vida nas ações da Galeria Cabeças: "Enquanto os maiores, con-

finados nas suas manumentais redomas, brincam de administração e política, ao ar livre das quadras das áreas de vizinhança estes bons samaritanos ensinam os usuários da cidade a vivê-la".

Maria Christina, com a sabedoria de quem não perdeu a vivência cotidiana, embora tenha consumido anos de estudo em mestrados e doutorados (ela acaba de defender tese na USP), é responsável por leitura que contextualiza o Movimento Cabeças na história da cidade. Parte do CIEM (Centro Integrado de Ensino Médio) e chega ao Movimento que fez com que "os domingos de Brasília não fossem mais os mesmos".

Aluísio, o Batata — Se Nicolas Behr e Renato Mattos se tornaram o símbolo poético-musical do Movimento Cabeças, um ator se fez seu símbolo-teatral: Aluísio Mendes, o Batata. Ele era presença garantida nos concertos e espetáculos promovidos por Néio Lúcio. Daí

que no livro, é lembrado com uma bela foto (sua imagem branca emergindo de um fundo negro), onde se imprimiu poema de Tetê Catalão: "Não são só/ as asas/ que possibilitam/ o vôo/ mas as tentativas".

Um movimento que gerou a mais significativa manifestação cultural brasileira — os concertos ao ar livre —, as ruas de arte, espetáculos teatrais, revistas (como a *Grande Circular*), exposições e recitais de poesia já escreveu sua história na vida brasileira. O livro transforma-se assim, num registro para informação das novas gerações. Pena que o depoimento central do livro seja, às vezes, por demais coloquial, as fotos não tenham crédito e a capa lembre um catálogo da Codeplan.

□ **CABEÇAS** — Livro de Néio Lúcio e Kido Guerra, onde se registra a experiência da Galeria Cabeças, hoje, Cabeças — Centro Brasileiro de Arte e Cultura. Lançamento no próximo dia 11, na Livraria Presença. 98 páginas, Cr\$ 500,00.

Divulgação